

# 'Briga de ministros não pode existir'

P.5

Sarney condena divergências públicas: 'Enfraquecem a autoridade do presidente'

Gustavo Miranda/ 18-8-98

**ENTREVISTA**

**José Sarney**



SARNEY: "O presidente conhece bem o PMDB. É um caso de amor e ciúme"

O senador José Sarney adverte: a briga entre ministros enfraquece o presidente. Defensor da aliança para 2002, foi nele que Fernando Henrique buscou inspiração para dizer à base que, terminando o governo enfraquecido, se elege senador e aí quem perde são os aliados, que não conseguirão eleger seu sucessor. Nordesteiro, Sarney confia desconfiando, mas reconhece: "FH é um sedutor. Pegou de jeito a mim e ao Antônio Carlos. Adoçou as nossas bocas através dos nossos filhos".

Jorge Bastos Moreno

BRASÍLIA

**O GLOBO:** O senhor está chegando de uma reunião no exterior de ex-presidentes e chefes de Governo. Como eles estão vendo o Brasil depois da crise cambial?

**JOSÉ SARNEY:** Com absoluta perplexidade. Ninguém entende como aqui não houve a explosão da economia que ocorreu na Coreia, na Indonésia, na Malásia, no México, na Tailândia e como o país já apresenta índices de crescimento.

**A que o senhor atribui isso?**  
**SARNEY:** O Brasil não é um país artificial, tem poderosas forças estruturais e, sobretudo, não tem somente instituições democráticas, mas criou uma sociedade democrática. Esta sociedade se mobilizou e disse não à inflação. Não foi obra de geniais economistas nem de providências governamentais. Foi a consciência nacional contra o processo inflacionário.

**Mas seu governo teve a maior inflação da nossa história.**  
**SARNEY:** Não é verdade. A maior inflação veio em 94: 2.900% ao ano. Mas não recuso dizer que tive insucesso em combatê-la.

**Mas quando o senhor deixou o Governo a inflação era de 80%.**  
**SARNEY:** Essa inflação não era mais minha. Eram as expectativas da mudança de Governo. Tanto que continuou, mesmo com o trágico confisco da poupança.

**Como presidente, agiria numa briga pública de ministros?**  
**SARNEY:** Briga pública de ministros não pode existir. Não posso dizer como agiria, porque não tive esse problema. Um ministro é sempre ministro do Governo a quem pertence.

**Mas se tivesse...**  
**SARNEY:** O Salazar, que não é autor para ser citado, tinha uma norma que sempre executava. Demitia os ministros que brigavam, sem consultá-los nem pedir que pedissem exoneração. Ninguém brigava. O presidente tem de ser o harmonizador dos conflitos internos próprios da arte de governar, decidir e cobrar fidelidade à sua decisão, evitando que as divergências sejam públicas, o que enfraquece a autoridade. Acredito que estas crises são didáticas, e espero que tenha sucesso a ordem unida do presidente.

**A reforma política sai este ano?**  
**SARNEY:** Não sei da agenda das lideranças do Congresso, mas que ela é mais do que urgente, é. Temos um sistema político ordenado nos moldes do fim do século 19. Os partidos ainda estão em início de formação. Mas qualquer reforma que não implante o voto distrital, de nada adiantará. Voto proporcional, uninominal, como temos, não existe em nenhum lugar do mundo. Ele é a raiz de todo o caótico sistema político brasileiro, proliferador de partidos, estimulante da infidelidade partidária e não assegura maiorias para manter a governabilidade. Quem, na realidade, assegura a governabilidade passa a ser a medida provisória, antítese do estado de direito.

**E a reforma tributária?**  
**SARNEY:** Não pode mais ser postergada. O difícil é convencer os estados industrializados a aceitarem perdas, não em favor de outros estados, mas em favor do contribuinte. Como diz Friedman, o papa da reforma tributária americana, não há reforma tributária se não houver baixa dos impostos.

**E as CPIs?**  
**SARNEY:** O Congresso tem nas comissões de inquérito um instrumento de fiscalização do Governo e questionamento da própria sociedade. Sempre trazem algum resultado. A dos bancos vai melhorar a ação do Banco Central muito machucado nos últimos episódios. A da Justiça vai ajudar a reforma do Judiciário, mostrando falhas. O essencial é conduzi-las sem excessos e dentro de um espírito de construção, o que está sendo feito.

**Mas o senhor não assinou os pedidos dessas comissões. Por quê?**  
**SARNEY:** Porque adotei a norma de, como ex-presidente da República, não assinar nenhum documento controvertido de tramitação

legislativa, para que minha atitude não tenha uma interpretação equivocada da minha obrigação de estar acima das controvérsias. Em geral, esses assuntos são polêmicos e quero sempre ser um espaço conciliador.

**O PMDB ajuda ou atrapalha o Governo?**  
**SARNEY:** A resposta foi dada pela pesquisa de opinião pública mandada fazer pelo partido. O povo acha que é o partido que mais ajuda o Governo. Agora, o PMDB é um partido difícil porque é o partido de maior democracia interna. Lá não existe aquela fórmula atribuída a Benedito Valadares, de que partido só se reúne quando tudo estiver decidido. No PMDB ninguém tem certeza nunca do que vai ser decidido. É da natureza e da tradição do partido. Dele já saíram o PT, o PSDB, o PCB, e muitas outras agremiações. Quanto se pensa que ele está acabado, ele ressurgiu. É um fenômeno bem brasileiro.

**Mas o senhor não respondeu...**  
**SARNEY:** O presidente Fernando Henrique conhece bem o PMDB. É um caso de amor e ciúme. O partido tem muitas correntes de opinião, mas a grande maioria deseja apoiar o Governo, com a sedução de ter um jeito de contestação. Nem o presidente nem o partido desejam o divórcio.

**Mas o presidente não está tendo grandes problemas com a aliança que o apóia, justamente por estas explosões de amor e ciúme, como o senhor disse? Será ciúme do PSDB com o PMDB e destes dois com o PFL?**  
**SARNEY:** O ciúme é geral. Mas o grande desafio político do presidente não será agora, mas na construção da aliança para a sua sucessão.

**O senhor acha possível uma**

*aliança entre esses partidos na sucessão, com esta briga toda?*  
**SARNEY:** Em política tudo é possível. O candidato dessa aliança terá um lugar previamente assegurado no segundo turno. A briga maior será na oposição para saber qual entre eles será o oponente. Tudo vai depender da capacidade política do presidente, em dois tempos. O primeiro, de assegurar a base de governabilidade partidária que dispõe e depois, de construir a sua sucessão. Afinal, o interesse público deve estar acima dos partidos. Se eles estão unidos agora por ideais comuns, por que não continuarem unidos?

**Mas o PMDB diz que vai ter candidato. O mesmo asseguram o PFL e o PSDB.**  
**SARNEY:** Uma coisa não exclui a outra. Podem ter candidatos e esses candidatos se unirem. Nada obriga um aspirante a candidato a ir até o fim. Vai depender da situação do Governo e dos nomes que aparecerão. Em princípio, todos vão lutar pela *pole position*. Mas em política sempre se soube que é melhor ganhar em aliança do que perder sozinho.

**Qual então seria a maior dificuldade do presidente?**  
**SARNEY:** Segurar a abertura de sua sucessão mais três anos. É a tarefa mais fácil. Difícil é saber como estará a sociedade brasileira nessa época. Os partidos só têm legitimidade desde que correspondam aos anseios dos seus eleitores. É este sentimento do eleitor, da opinião pública que vai determinar o maior ou menor espaço de êxito para o projeto político de Fernando Henrique.

**O presidente disse recentemente que se os aliados não o defenderem e seu governo terminar enfraquecido, ele, mesmo assim, conseguirá recuperar-se. Já a base não, e citou como exemplo as candidaturas fracassadas de Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves, que pagaram o preço dos desgastes do seu governo, senador. E ainda previu: "Farei como o Sarney, voltarei ao Senado e serei feliz como ele, hoje um homem de bem com a vida e plenamente realizado como político e intelectual". Como o senhor se sente como exemplo?**

**SARNEY:** Eu não tinha base política para participar do processo sucessório. É muito difícil governar sem apoio político. Eu sei. Com o presidente Fernando Henrique a situação é diferente. Ele tem uma grande base política e acredito que ela se manterá e ele terá um papel na sucessão. Voltar ao Senado é o caminho de um ex-presidente como ele, que deseja contribuir com a sua experiência para continuar a servir ao país. Será bom para o Brasil.

**Qual o maior problema nacional?**  
**SARNEY:** Agora vamos sair do adjetivo para o substantivo. A meu ver, é a injusta distribuição de renda que gera pobreza, miséria, violência e os baixos indicadores sociais. A concentração de renda no Brasil passa da injustiça para o terreno da consciência moral do país. ■